

4

Envelhecimento Humano: A Perspectiva de Filósofos e Pintores da Antiguidade

[Artigo 4, páginas de 66 a 83]





**Marcelo de Maio
Nascimento**

Professor adjunto IV do curso de educação física da Universidade Federal do Vale do São Francisco e coordenador da Universidade Aberta à Terceira Idade (Unati/Univasf).
marcelo.nascimento@univasf.edu.br



RESUMO

O envelhecimento humano se apresenta como um dos principais fenômenos da sociedade moderna e grande desafio futuro para os governantes. Dentre os obstáculos para o tratamento da questão há o preconceito criado ao longo dos anos, que considera o idoso titular de um desempenho físico e cognitivo deficitário, logo um indivíduo frágil. Entretanto, a idade cronológica não pode ser assumida como um indicador do envelhecimento. O presente trabalho teve como objetivo abordar a visão de filósofos e pintores sobre o envelhecimento, em especial conhecer como a idade foi apresentada nas obras e discutir a origem do termo velho e velhice e suas relações com o envelhecimento. O texto foi dividido em duas partes, o modo como filósofos das civilizações orientais e ocidentais descreveram o envelhecimento ao longo dos séculos e a relação de pintores do período renascentista e expressionista com as questões do estudo. Concluiu-se que a forma como filósofos e pintores destacaram o envelhecimento pode ser assumida como reflexo de aspectos sociais, culturais e políticos de suas épocas. Suas impressões transitaram desde a valorização da sabedoria e respeito às gerações antigas até as visões depreciativas que fortaleceram o termo velho-velhice.

Palavras-chave: envelhecimento; filosofia; arte; gerontologia.

ABSTRACT

Human aging presents itself as one of the main phenomena of modern society and a major future challenge for government officials. Among the obstacles to addressing the issue are the prejudices created over the years that consider older adults holding a deficient physical and cognitive performance, therefore a fragile individual. However, chronological age cannot be taken as an indicator of aging. The present text had as objective to approach the philosophers and painters vision about the aging, in particular, to know the ways in which the age was presented in the works, and to discuss the origin of the term old and old age and its relations with the aging. The text was divided into two parts, the way in which philosophers of Eastern and Western civilizations described aging over the centuries, and the relationship of painters from the Renaissance and Expressionist periods to the issues of study. It was concluded that the way in which philosophers and painters highlighted aging can be assumed as a reflection of social, cultural and political aspects of their times. His impressions went from the valorization of wisdom and respect for the old generations to derogatory visions that strengthened the term old-age.

Keywords: aging; philosophy; art; gerontology.

INTRODUÇÃO

*Conhece-te a ti mesmo e conhecerás os deuses e o universo
(Oráculo de Delfos)*

Tratar o envelhecimento exige abordar o tempo, que é um dos marcos da vida. Ainda hoje, temas relativos à idade e ao envelhecimento são vistos muitas vezes como fantasmas. Pois, apesar de a idade cronológica ser um indicador aparentemente comum, ela suscita alguns clichês relacionados à velhice (BAARS, VISSER, 2010). Entre eles há a ideia de que o envelhecimento seria o início do fim da vida e, nesse contexto, a pessoa idosa passa a ser vista como um sujeito ultrapassado, incapaz ou mesmo improdutivo. A filósofa francesa Simone de Beauvoir (2018) destacou que as idades cronológica e biológica de um indivíduo nem sempre coincidem; logo, envelhecer não significa estar a caminho da morte.

Nas últimas décadas, influenciados por avanços tecnológicos, nós, membros da sociedade moderna, aprendemos a estimar a cultura do novo. Assim, apreciamos as inovações, os instrumentos digitais rápidos, a internet e suas distintas possibilidades de comunicação e lazer. A tendência atual é de viver o hoje com vistas, cada vez mais, para o futuro, esquecendo do passado e muitas vezes também de seus personagens. No estudo intitulado *How old is old? Changing conceptions of old age¹*, Overall (2016) formulou uma interessante questão filosófica: Quantos anos tem a idade? A pergunta pode ser assumida como provocação e convite à reflexão sobre o desenvolvimento da percepção humana ao longo dos anos sobre os termos velho e velhice. Esses termos eram comuns em períodos passados e foram utilizados pela civilização oriental. Todavia, diferentemente dos dias atuais, eles expressavam o sentido de sabedoria, conhecimento e vivência de algo, ou seja, características típicas do ancião (SANTOS, 2001).

Conforme a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2015), envelhecimento, idade cronológica e idade biológica estão relacionados. Contudo, não existe um acordo científico sobre a idade de um indivíduo, isso significa dizer que se desconhece o momento exato em que uma pessoa inicia o envelhecimento e passa ser considerada idosa. A regra para ser idoso seria aos 65 anos de idade. A dificuldade para estabelecer um marco divisor exato entre a idade adulta e a idade

¹ Quantos anos tem a idade?
Mudando as concepções da velhice
(tradução livre).

Artigo 4

Envelhecimento Humano: A Perspectiva
de Filósofos e Pintores da Antiguidade

ídosa incide na individualidade biológica de cada pessoa, além de o envelhecimento ser uma questão multifatorial, potencializado por fatores genéticos, hábitos de vida e condição social e financeira (OMS, 2014).

Em uma investigação realizada em 1965, o microbiologista e gerontologista Leonard Hayflick descobriu que as células humanas normalmente cultivadas teriam capacidade limitada para se dividir, tornando-se senescentes (SHAY, WRIGHT, 2000). Na ocasião, Hayflick destacou que o processo do envelhecimento consistia em perdas graduais das funções fisiológicas do organismo. Este fenômeno foi intitulado como limite de Hayflick. Desde então, o entendimento sobre as distintas facetas do envelhecimento humano vem sendo fortalecido por conhecimentos multidisciplinares que permitem o desenvolvimento de novas teorias e métodos científicos na área da gerontologia (CRISTINA et al., 2014).

Na atualidade, temos um processo acelerado de envelhecimento das populações, seguido pela transição demográfica que se apresenta como um fenômeno social, político e econômico global (OMS, 2017). Nessa perspectiva, não basta entender o envelhecimento como um conjunto de mudanças de ordem fisiológica, celular e neural. Também é necessário estender seu sentido conceitual e histórico a fim de que a sociedade e principalmente os governantes auxiliem na transformação de padrões de pensamento e atitudes em relação à população idosa (VERAS; OLIVEIRA, 2018).

A filosofia, por exemplo, é uma área do conhecimento humano que pode ampliar a compreensão do envelhecimento. De forma geral, ela explora a inter-relação das ciências com os fatos do cotidiano, estimulando novas formas de refletir as coisas do mundo. No texto intitulado *Thesen zu einer philosophie des alters*², Rosenmayr (2007) descreveu possíveis funções da filosofia para o tratamento das questões do envelhecimento humano. Entre suas contribuições para o envelhecimento, há a abordagem de pontos positivos e negativos, bem como a relação e interpretação de fatos associados aos conhecimentos e às técnicas das demais áreas do conhecimento humano. Outra função da filosofia incide no exercício do ato reflexivo em relação às expectativas futuras dos indivíduos no mundo em que vivem. Isso inclui a forma como planejamos o tempo de nossas vidas. Deste modo, a filosofia pode auxiliar na interpretação das estruturas de pensamento dos homens. Entretanto, Rosenmayr (2007) salientou que o processo filosófico deve partir da análise social e retornar para a sociedade, uma vez que o envelhecimento de cada cidadão reflete significativamente nas esferas da sociedade.

² *Teses sobre uma filosofia da velhice* (tradução livre).

Partindo da filosofia para o mundo das artes, o envelhecimento também foi tema das obras de pintores, inicialmente sob a forma de retratos vivos. Conforme Kampmann (2015), as imagens da idade e do envelhecimento são aspectos da medialidade e historicidade dos contextos da humanidade. Exemplos de idosos retratados em civilizações do passado são encontrados no Egito antigo e na China. Representações de idosos também existiram em pinturas da cultura islâmica do século XIII, um exemplo disso são as obras *Men assembling wood*, expostas no Metropolitan Museum of Art, em Nova York. Entre os grandes pintores da Idade Média que retrataram pessoas idosas há o holandês Rembrandt (1606-1669), que com sua série de autorretratos criou obras como *Old woman reading* e *Portrait of a old woman*. No século XX, o envelhecimento também foi retratado por Pablo Picasso (1881-1973) nas obras *The old guitarist* e *Self portrait*.

Observa-se que ao longo dos séculos tanto filósofos como pintores dialogaram com a temática da idade e do envelhecimento. Essas obras se apresentam como um rico fundo de conhecimentos para o entendimento do envelhecimento e da pessoa idosa, pois são representações de modelos de pensamento de épocas passadas. O presente texto tem por fim abordar a visão de filósofos e pintores sobre o envelhecimento humano, em especial conhecer os modos como a idade foi tratada em suas obras, além de discutir a origem do termo velhice. Espera-se que o aprofundamento da análise desses temas possa fundamentar o entendimento dos interessados em questões da área do envelhecimento humano.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura. O método busca sumarizar a literatura teórica ou empírica anterior, permitindo o entendimento de um fenômeno específico (BROOME, 2000). Assim, ao unificar diferentes estudos, contribui-se com a ciência ampliando e divulgando de uma só vez resultados/conhecimentos de uma determinada área. Para o presente estudo foram estabelecidos três focos de investigação: i) o envelhecimento humano e sua relação com os termos velho-velhice; ii) a relação de filósofos da civilização oriental e ocidental com o envelhecimento e os termos velho-velhice; iii) a afinidade de pintores do período renascentista e expressionista com o envelhecimento e os termos velho-velhice. As buscas foram realizadas nas bases de dados SciELO, Pubmed e Lilacs a partir dos seguintes

Artigo 4

Envelhecimento Humano: A Perspectiva de Filósofos e Pintores da Antiguidade

descritores: envelhecimento (*aging*), filosofia (*philosophy*), artes (*arts*), bem como do cruzamento entre essas palavras. Como critérios de inclusão para a seleção dos artigos e livros foram adotadas publicações em português e inglês do período entre 2000-2019. Foram excluídas dissertações e teses, mesmo aquelas que abordaram o tema focal deste estudo.

A INTERPRETAÇÃO DO ENVELHECIMENTO POR FILÓSOFOS CLÁSSICOS

No Egito, em 2.500 a. C., Ptah-Hotep se referiu ao envelhecimento enfatizando o sentido pejorativo da velhice. A perspectiva aplicada para fundamentar o caso incidiu na perda da beleza corporal, baixa da produtividade e autonomia funcional. Essa visão pode ser um indicativo sobre o modo como a sociedade egípcia antiga percebia as pessoas idosas. Entretanto, segundo as crenças da época, a velhice poderia ser revertida, uma vez que a sociedade de então acreditava em receitas para o rejuvenescimento. Entre elas havia a ingestão de glândulas recém-extraídas de animais jovens (BEAUVOIR, 2018).

Na civilização oriental, mais especificamente na China, o filósofo Lao-Tsé (604-531 a. C.) destacou em suas obras aspectos do conhecimento intuitivo, difundindo, com isso, a importância do ato reflexivo sobre ao vida, bem como seu real sentido (SANTOS, 2001). Segundo o filósofo, ao chegar em uma idade avançada, o indivíduo alcança um momento supremo e espiritual, capaz de lhe trazer a liberação do corpo. Nessa perspectiva, Lao-Tsé enfatiza que:

(...) podemos tirar vantagens das oportunidades porque sabemos que estão ali momentaneamente; as limitações não devem ser vistas como restrições negativas, elas são as geografias de nossas situações, e não há nada mais correto que tirar vantagens disso.

Também na China, Confúcio (551-479 a. C.), grande conhecedor da alma, propagador de conceitos relativos à moral e à sabedoria especialmente junto à família, realçou aspectos do envelhecimento. Em seus ensinamentos, prezou pela autoridade dos mais idosos, pois, segundo ele, seriam sinônimo de sabedoria. Para Confúcio, aos 60 anos, o homem passaria a compreender as coisas da vida sem a inópia de refletir sobre o momento e, aos 70 anos, seria capaz de seguir os desejos do coração sem transgredir qualquer regra (SANTOS, 2001). A filosofia de Confúcio influenciou significativamente a sociedade chinesa, servindo



Partindo da filosofia para o mundo das artes, o envelhecimento também foi tema das obras de pintores, inicialmente sob a forma de retratos vivos. Conforme Kampmann (2015), as imagens da idade e do envelhecimento são aspectos da medialidade e historicidade dos contextos da humanidade.

de base à instauração da harmonia entre diferentes faixas etárias, fortalecendo também o respeito dos jovens pelos idosos. Suas mensagens potencializaram, principalmente nas famílias, preceitos de responsabilidade, cuidado e atenção dos jovens para com seus ancestrais.

Enquanto na China existiu a tradição do cuidado e respeito pelos idosos, filósofos do período clássico pouco falaram sobre o envelhecimento. Segundo Bavidge (2016), na Grécia, os filósofos tiveram muito mais a dizer sobre a morte. Isso pode ter influenciado a forma como a civilização ocidental se acostumou a refletir sobre o envelhecimento, taxando-o como período de perdas. Esse modo de reflexão se fundamentou em aspectos biológicos, considerando o envelhecimento como o responsável pela perda da juventude, por transformações graduais sobre as células do organismo e, consequentemente, pela perda gradual da funcionalidade (AMARYA, SHING, 2018). Assim, formulou-se em parte o costume de utilizar o termo “velho” como atributo de pessoa abatida ou acabada.

Seguindo a linha do tempo, encontramos na mitologia grega passagens sobre conflitos entre pais e filhos, jovens e anciãos (BEAUVOIR, 2018). Nas obras gregas, os deuses foram geralmente apresentados como indivíduos jovens, fortes e destemidos. Contudo, é possível encontrar obras que descreveram os personagens sob a figura de idosos como Nereu, o velho do mar, e Caronte, o barqueiro dos infernos (BEAUVOIR, 2018). No épico da ética escrito por Platão (427-347 a. C.) intitulado *República*, foram abordados temas como justiça/injustiça, contendo referências ao envelhecimento humano. Conforme Anton (2016), o entendimento de Platão sobre a velhice parece derivar de suas visões sobre a sabedoria, o que estaria relacionado a seus compromissos metafísicos e epistemológicos. Outro filósofo grego que referenciou a idade foi Sócrates (469-399 a. C.), discípulo de Platão. Ao divulgar os pontos de vista de seu mestre sobre o envelhecimento, Sócrates declarou que a velhice não consistiria em peso algum para

Artigo 4

Envelhecimento Humano: A Perspectiva de Filósofos e Pintores da Antiguidade

homens prudentes e bem preparados (BEAUVOIR, 2018). Segundo ele, seu mestre Platão teria prazer em conversar com homens idosos, porque enxergava-os como especialistas capazes de fornecer informações valiosas sobre os modos de viver a vida.

Em seus diálogos, Sócrates também relatou queixas proferidas pelos próprios idosos referentes ao tempo. De acordo com Thorwart (2019), as lamentações estariam relacionadas às perdas sofridas pelos idosos ao longo do tempo, como, por exemplo: a alegria dos tempos da juventude, a falta dos prazeres do amor, das festas e glórias recebidas após os combates. Outro ponto interessante referido nos textos é comum aos tempos atuais é que idosos da Grécia antiga também se queixavam do tratamento vergonhoso recebido pelos familiares.

No século VIII a. C., Homero escreveu a *Odísseia*, um dos principais poemas do período antigo grego. Nele, há referências sobre a relação entre a idade e a diminuição da força física, extremamente útil para os combates entre os povos. Entretanto, a obra também salientou valores próprios da idade, ou seja, qualidades intrínsecas aos mais velhos, como a experiência de vida, portanto, a sabedoria. Nos versos da *Ilíada* (séc. VIII a. C.), Homero contou a história da Guerra de Troia. Nesta obra, a idade foi acompanhada pela tristeza e escuridão, considerada como ameaça à vida. Por conseguinte, tristeza e escuridão estariam relacionadas à morte e ao terror de Hades, deus do mundo subterrâneo.

Porém, a *Ilíada* também descreve um homem velho portador de extrema força, que apresentava felicidade em seus últimos anos de vida (SANTOS, 2001). Este foi Nestor, o antigo governante de Pylos. No texto, a disposição e a vitalidade de Nestor são acompanhadas pela descrição de alguns utensílios próprios que lhe conferiam singularidades de um jovem com habilidades para o combate (capacete, escudo e espada). Na mitologia grega, Nestor também foi intitulado como o “velho divino”, considerado o mais velho dos heróis do período anterior a Troia.

Outro filósofo clássico grego a referenciar o envelhecimento foi Aristóteles (384-322 a. C.), responsável por comentários pouco favoráveis aos idosos (ANTON, 2016). Suas observações foram breves e diretas, taxando os velhos de medrosos, desconfiados e inativos. Segundo Aristóteles, os velhos seriam faladores e exímios repetidores de histórias sobre o passado, além de egoístas. O filósofo não abordou o envelhecimento na perspectiva da doença, mas sim do ponto de vista comportamental. Conforme Anton (2016), isso pode ter relação direta com os tratados éticos desenvolvidos por Aristóteles, especialmente na obra *Ética*.

nicomatica. Nela, Aristóteles afirma que a virtude moral é a média entre dois vícios: excesso e deficiência.

A essência do pensamento ético de Aristóteles foi marcada pela virtude. Para ele, a juventude seria a segunda melhor fase da vida e período de início para o aprendizado. Ademais, o auge da virtude seria atingido na meia-idade, enquanto a velhice seria uma fase miserável. Embora não tenha se referido à suscetibilidade dos idosos para doenças, há desconfiança de que Aristóteles não tenha reconhecido os velhos como sujeitos virtuosos porque considerou, acima de tudo, sua fragilidade física e cognitiva (ANTON, 2016).

Por conseguinte, a relação entre a filosofia e o envelhecimento pode ser encontrada no Império Romano. Marco Túlio Cícero (106-43 a. C.), por exemplo, foi filósofo, jurista, orador e responsável por introduzir em Roma as escolas gregas de pensamento. Cícero também criou o vocabulário filosófico latino, escrevendo respeitáveis obras literárias como *De legibus*, *De natura* e *Re publica*. Sua relação direta com o envelhecimento ocorreu na obra *Saber envelhecer* (TULIO, 2013), quando o filósofo abordou a arte do envelhecimento, destacando a importância do prazer, que segundo ele seria favorecido pelo tempo, uma vez que cada idade (faixa etária) apresentaria virtudes próprias. Entretanto, foi no texto *A amizade* que Cícero revelou um tratado definitivo sobre a fraternidade e as relações sociais com temas associados ao envelhecimento (TULIO, 2013).

Entre as questões abordadas por Cícero está a perda da memória, tratada, todavia, de forma lúdica, inteligente e construtiva. Para ele, a perda da memória ocorreria quando ela não fosse reconhecida com vivacidade de espírito, ou seja, não fosse cultivada (SANTOS, 2001). Conforme Cícero, os idosos sempre seriam capazes de recordar os fatos desde que lhes interessasse. O filósofo também lançou uma interessante pergunta: Será que filósofos como Demócrito, Platão e Pitágoras se tornaram improdutivos por causa da velhice? O próprio Cícero respondeu que não, pois esses filósofos se mantiveram criativos até o final de suas vidas (TULIO, 2013). Cícero acredita que muitos não gostavam da velhice porque ela afastava as pessoas de suas atividades cotidianas. Mas também salientou que isso estaria mal fundamentado porque nem toda ação é basicamente física. Segundo ele, o que determina a importância de uma ação seria a extensão das consequências geradas por ela (ANTON, 2016). Pois, muitas vezes, ações aparentemente pequenas produzem grandes resultados.

Artigo 4

Envelhecimento Humano: A Perspectiva de Filósofos e Pintores da Antiguidade

A ABORDAGEM DO ENVELHECIMENTO POR PINTORES

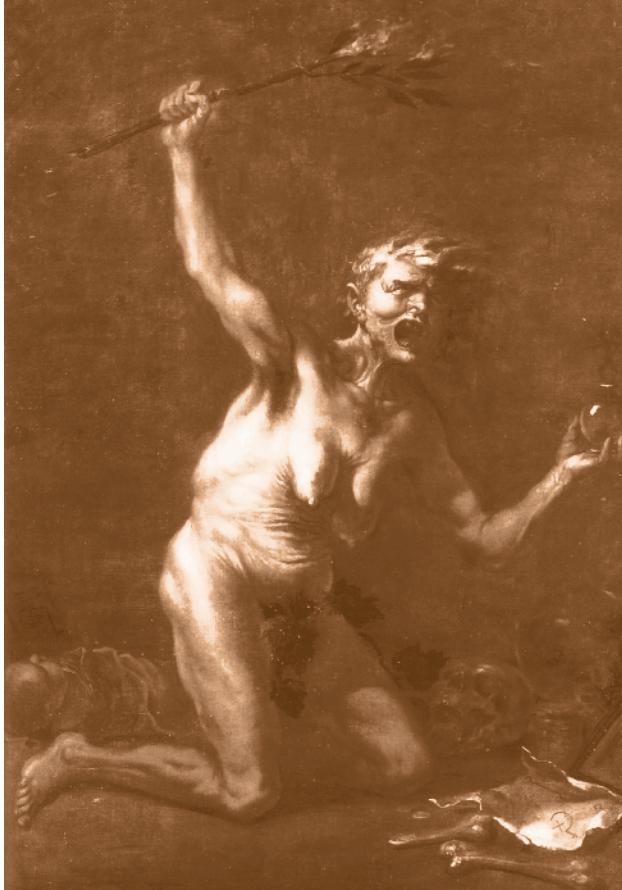
Retratos e pinturas de pessoas idosas sempre foram comuns no mundo das artes, especialmente nos séculos XVI e XVII. Conforme Kampmann (2015), o corpo masculino envelhecido se apresentou como uma marca tanto nas obras dos profetas, filósofos, patriarcas e eruditos como nas cenas bíblicas e de pintores da antiguidade. A questão do sexo associada à idade também foi bem explorada no mundo das artes. Corpos envelhecidos de mães adotivas foram utilizados, por exemplo, para sensibilizar a sociedade, enquanto imagens de pessoas ou casais mais velhos buscavam transmitir modelos relacionados à moral.

A imagem de idosos no mundo das artes pode ser considerada como representações alegóricas do tempo, elementos da transitoriedade ou finitude. Isso significa dizer que figuras que retrataram o envelhecimento são marcos da história visual da velhice, representantes da diversidade iconográfica dessa questão. No texto intitulado *Visual aging studies: exploring images of aging in art history and other³* Kampmann (2015) salientou um amplo e possível universo de considerações implícito nas pinturas e retratos da idade/velhice:

O que esses estudos nos dizem é que, no que diz respeito às representações visuais da velhice, é impossível discernir tendências claras se a idade era apreciada ou menosprezada nas diferentes épocas históricas. Os quadros testemunham a semântica simultânea e diferenciada da velhice: o corpo emagrecido de um velho eremita evoca uma vida ascética, altamente estimada na doutrina cristã da salvação, ao passo que uma descrição similar de uma mulher da mesma idade pode representar a incorporação do vício (p. 281).

Em 2007, Humberto Eco destacou no livro *História da feitura* que o estilo de representação adotado pelas artes na era medieval influenciou tanto o pensamento daquela época como as fases subsequentes da humanidade. Por essa razão, a imagem do idoso foi basicamente estereotipada e associada à doença, contribuindo consideravelmente na fixação da simbologia da feitura (Figura 1).

³ *Estudos do envelhecimento visual: explorando imagens do envelhecimento na história da arte e outras disciplinas* (tradução livre).

Figura 1 - Salvator Rosa (*Bruja*, 1640-1649)

FONTE: GOOGLE IMAGENS (2021).

Não obstante, a representação do feio foi associada à imagem de uma pessoa idosa, portadora, muitas vezes, de anomalias, enfermidades ou prestes a morrer (Figura 2).

Figura 2- Goya's les Vieilles (*Time of the old women*, 1820)



FONTE: GOOGLE IMAGENS (2021).

A retratação da velhice também foi comum entre artistas do movimento expressionista, surgido no início do século XX, na Alemanha. A particularidade deste estilo foi a luz, utilizada para enfatizar manchas, contrastes, deformações, sombras, projeções e variações cromáticas (SANTOS, RIBEIRO, BEZERRA, 2015). Pintores expressionistas retrataram o envelhecimento tendencialmente com traços de fragilidade, depressão e rugas (feiura). Na obra intitulada *At eternity's gate* (1882), Vincent van Gogh (1853-1890) ilustrou, por exemplo, um idoso na posição sentada, com as mãos sobre os olhos, em situação de tristeza e abandono.

Em 1897, Paul Gauguin (1848-1903) pintou um conjunto de obras com a intenção de sintetizar a evolução da vida, foram elas: *Where do we come from, what are we?, Where are we going?* Suas imagens ilustraram indivíduos em diferentes faixas etárias. Contudo, nessa obra se observa algo interessante e talvez incomum para a época: os ido-

sos estão aos cuidados de indivíduos mais jovens. Conforme Santos et al. (2015), a arte expressionista teve como uma de suas características retratar nas telas aspectos da história de vida dos artistas. Deste modo, os artistas associavam o poder criativo com a realidade política e social, despertando emoções nos observadores, mas sempre com relativo tom de pessimismo.

Um exemplo de pintura sobre pessoas idosas no Brasil são as obras *Mulher de cabelos verdes* (1916), de autoria de Anita Malfati (1889-1964), e *Cabeça de velho*, pintada em 1923 por Cândido Portinari (1903-1962). Anita Malfati destacou o envelhecimento feminino de forma caricatural (Figura 3), romantizando a questão para mostrar o valor da mulher, fixando a ideia de que cabelos grisalhos não desmerecem, pois são um marco de força conquistado ao longo do tempo.

Figura 3-Anita Malfati (*Mulher de cabelos verdes*, 1916)



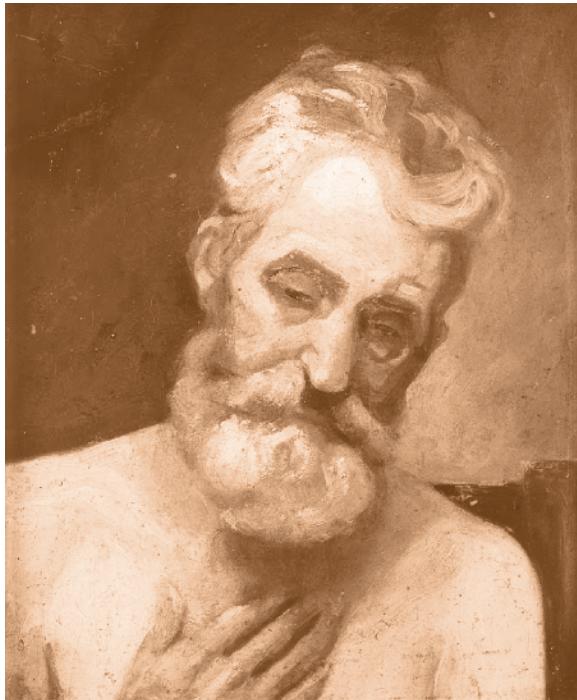
FONTE: GOOGLE IMAGENS (2021).

Artigo 4

Envelhecimento Humano: A Perspectiva
de Filósofos e Pintores da Antiguidade

Por outro lado, Portinari optou por retratar o envelhecimento em um sentido melancólico por meio de um homem de cabeça baixa, olhar triste, pensativo, com cabelos brancos e rosto enrugado (Figura 4).

Figura 4-Candido Portinari (*Cabeça de velho*, 1923)



FONTE: GOOGLE IMAGENS (2021).

É importante ressaltar que pintores e suas obras são representantes de períodos históricos com características políticas e culturas próprias. Isso atribui às imagens o caráter da medialidade do contexto histórico desse artista. Não obstante, pode-se considerar que muitas obras são autorretratos que ilustram a idade do autor ou que buscam discutir os opostos, enfatizando a contrariedade entre graça/beleza e feiura, harmonia e caos (KAMPMANN, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em se tratando da área do envelhecimento humano, compreender o papel de filósofos e seus textos, assim como de pintores e suas obras pode engrandecer o entendimento sobre uma série de preconceitos criados sobre a idade e o idoso ao longo do tempo. Textos e imagens são ricos de significados, capazes de trazer para o tempo presente a visão de indivíduos e das sociedades do passado (KAMPMANN, 2015). Cada manifestação artística, seja ela escrita, esculpida ou pintada é um documento vivo sobre o contexto social, político e cultura da época de sua criação. Nessa perspectiva, o presente texto possibilitou lançar um olhar sobre os modelos imaginários das civilizações antigas em relação à idade e ao envelhecimento humano.

Observou-se que tanto filósofos como pintores apresentaram modos peculiares para abordar a idade e o envelhecimento, e que seus pontos de vista transitaram entre a valorização da sabedoria, o respeito às gerações passadas e o paradigma negativo do termo velho-velhice. Verificou-se que alguns filósofos e artistas se referiram ao tempo vívido como uma fase traumática. Outros exaltaram o valor dessa fase da vida tanto para o próprio idoso como para sociedade, destacando as contribuições desses indivíduos para as gerações futuras. Talvez as obras de filósofos e pintores possam ter influenciado o senso comum da civilização atual para denominar a pessoa idosa como velha e considerar o processo do envelhecimento como velhice. Mas, por outro lado, somos portadores de conhecimento suficiente para distinguir entre o belo e o feio, assim como entre o certo e o errado! Considera-se como limitação deste manuscrito a carência de material que aborde especificamente os temas tratados. Espera-se que o presente estudo possa fundamentar futuras investigações na área do envelhecimento humano, bem como sensibilizar diferentes segmentos da sociedade para a importância do reconhecimento, atenção e cuidado que tanto a população idosa como familiares idosos merecem receber.

Artigo 4

Envelhecimento Humano: A Perspectiva
de Filósofos e Pintores da Antiguidade

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARYA, S.; SINGH, K.; SABAHRWAL, M. Ageing process and physiological changes. *Home Books Gerontology*, chapter I, p. 2-23, 2018. Disponível em: <<https://www.intechopen.com/books/gerontology/ageing-process-and-physiological-changes>>. Acesso em: 29 set. 2021.
- ANTON, A. L. Aging in classical philosophy. In: G. SCARRE (org.). *The palgrave handbook of the philosophy of aging*. London: Palgrave Handbooks, 2016, p. 115-134.
- BAARS, J.; VISSER, H. Chronological time and chronological age: problems of temporal diversity. *Aging & time: multidisciplinary perspectives*. London: Routledge, 2010, p. 1-13.
- BAVIDGE, M. Feeling one's age: a phenomenology of aging. In: SCARE, G. (org.). *The palgrave handbook of the philosophy of aging*. London: Palgrave Handbooks, 2016, p. 207-2024.
- BEAUVOIR, S. *A velhice*. Tradução Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 3. ed., 2018.
- BROOME, M. E. *Integrative literature reviews for the development of concepts*. Concept development in nursing: foundations, techniques and applications. Philadelphia: WB Saunders Company, 2000, p. 231-50.
- CRISTINA, S. Guidelines of the brazilian geriatrics and gerontology society on the content of subjects/modules related to aging (geriatrics and gerontology) in medicine courses. *Geriatrics, Gerontology and Aging*, v. 8, n. 3, 2014.
- ECO, H. *História da feitura*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- KAMPMANN, S. Visual aging studies: exploring images of aging in art history and other disciplines. *Age Culture Humanities*, n. 2, p. 279-291, 2015.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE – OMS. Healthy ageing: moving forward.

Bull World Health Organ, v. 95, Nov., p. 730, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.2471/BLT.17.203745>>. Acesso em: 29 set. 2021.

OMS. What is “active ageing”? *World Health Organization*, 2014. Disponível em: <https://extranet.who.int/agefriendlyworld/wp-content/uploads/2014/06/WHO-Active-Ageing-Framework.pdf>. Acesso em: 29 set. 2021.

OMS. *World report on ageing and health*. Geneva, 2015. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/186463>. Acesso em: 29 set. 2021.

OVERALL, C. How old is old? Changing conceptions of old age. In: G. SCARNE (org.). *The palgrave handbook of the philosophy of aging*. London: Palgrave Handbooks, 2016, p. 13-30.

ROSENMAYR, L. *Schöpferisch altern: eine philosophie des lebens*. Lit Verlag: Münster, 2007.

SANTOS, C. M. V. T.; RIBEIRO, P. R. O.; BEZERRA, A. J. C.; Vianna, L. G. A. Temática da velhice em pinturas expressionistas. *Revista Kairós Gerontologia*, v. 18, n. 3, p. 123-136, 2015.

SANTOS, S. S. C. Envelhecimento: visão de filósofos da antiguidade oriental e ocidental. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste*, v. 2, n. 1, p. 88-94, 2001.

SHAY, J. W.; WRIGHT, W. Hayflick, his limit, and cellular ageing. *Nature Reviews Molecular Cell Biology*, v. 1, n. 10, p. 72-76, 2000.

THORWART, W. *Philosophie und lebenskunst des alters*. Disponível em: <http://w-thorwart.de/assets/07_philosophealters.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2021.

TULIO, C. M. *Saber envelhecer*. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2013.

VERAS, R. P.; OLIVEIRA, M. Envelhecer no Brasil: a construção de um modelo de cuidado. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 23, n. 5, p. 1.929-1.936, 2018.